

Para compreender a Ontologia de Lukács

Sergio Lessa,
3ª ed. rev. amp. Ijuí, Editora Unijuí, 2007, 240 pp.

PAULO DENISAR FRAGA*

Principalmente a partir da crítica sistemática que lhe foi dirigida por Kant, o conceito de ontologia, historicamente identificado com o de metafísica, entrou em crise de legitimidade teórica, passando, cada vez mais, ao longo da evolução da crítica de muitos autores, a significar algo de absoluto, determinístico e a-histórico, quando não diretamente teológico. Enfim, em qualquer caso, tolhendo a liberdade humana. Doravante, qualquer posição disposta a retomar positivamente o conceito de ontologia numa acepção diversa é *a priori* suspeita de incorrer em algum essencialismo metafísico. E isso se dá de modo tão automático e seguro que, por vezes, quando não deixa espaço para um senão reflexivo contrário, faz duvidar da profundidade dos compromissos que tal suspeição mantém com a reflexão críti-

ca, em nome da qual, no entanto, fala e se autoriza.

Isso não é diferente hoje em dia, quando parte da Filosofia e de outras áreas das humanidades se entrega, quase sem se autoquestionar, a um paradigma da linguagem um tanto totalizante, como se o processo do conhecimento pudesse instituir, em profundidade radical última, as bases da materialidade real. Bem, é evidente que o real é dado no para-nós na forma da linguagem. E a linguagem lógica e articulada é uma faculdade constitutiva do ser social. Contudo, o próprio Kant advertira que do juízo que se tem de alguma coisa não se altera nada na natureza dessa própria coisa. Ou seja, admite que, em algum grau, a existência material independe do conhecimento e do seu veículo, a linguagem — esse é

* Professor do Departamento de Filosofia e Psicologia da Unijuí, RS.

um aspecto materialista do pensamento de Kant até hoje não bem explorado pelo marxismo. E é somente ao disjungere-se sujeito e objeto que a ciência pode avançar, descobrindo e dominando gnosiologicamente processos que operavam — portanto, *existiam* no plano ontológico — à revelia do saber humano, como, por exemplo, a cura de doenças. Desconhecer isso, ou diminuir o efeito, sobre o terreno epistemológico, da evidência de que o *homo sapiens* é um rebento muitíssimo tardio da história da natureza, é descurar de um pressuposto clássico do materialismo — de que a matéria precede a idéia, assim como a natureza o pensamento — e, em nome de uma posição filosófica pretensamente crítica, entregar tudo à linguagem, resvalando para um flerte idealista com a negação da independência ontológica da materialidade.

O tema é visceralmente polêmico e, embora não possa ser aprofundado aqui, vale registrá-lo como um “reforço de contexto” nesta breve nota que intenciona indicar o lugar teórico de um livro que introduz às categorias centrais de *Para uma ontologia do ser social*, do filósofo marxista Georg Lukács, um dos mais influentes e originais pensadores do século XX. Essa obra, ao lado de *Para a fundamentação da ontologia*, de Nicolai Hartmann, constitui-se um dos dois maiores empreendimentos teóricos voltados ao renascimento crítico do conceito de ontologia, pensado agora num aporte materialista e social, portanto, histórico, e não metafísico.

Com o título ligeiramente modificado, *Para compreender a Ontologia de Lukács* chega à sua terceira edição, agora revista e ampliada por um capítulo final sobre a relação entre trabalhadores e proletários e, ainda, dois ensaios dirigidos contra os críticos da ontologia lukacsiana. Esse volume introdutório, de autoria de Sergio Lessa, docente do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas e um dos mais dedicados estudiosos da última obra do pensador húngaro, faz, em relação à *Ontologia*, as vezes de *Para ler a fenomenologia do espírito*, de Paulo Meneses, roteiro introdutório que precedeu em alguns anos a publicação integral do clássico texto de Hegel no Brasil. Como o próprio Lessa destaca em relação à *Ontologia* — e esse foi também o caso da *Fenomenologia* —, esse fato editorial incomum tem lugar enquanto expressão da importância e influência que a obra introduzida já exerce no país mesmo antes de sua edição vernacular integral.

Sergio Lessa abre o livro com uma questão que o debate acima tornou indispensável: *por que propor uma ontologia no século XX?* A resposta é dada em termos diretamente frontais aos críticos: decorre de que as sucessivas derrotas revolucionárias nas tentativas de superar o capitalismo reforçaram uma falsa “ontologia” burguesa, isto é, a idéia de que a essência humana se definiria pela vinculação imanente do ser do homem à propriedade privada, fazendo-o um ente egoísta e concorrencial, cuja

natureza ontológica tenderia a eternizar a sociedade capitalista.

Opondo-se a isso, na linha da tese marxiana de que a essência humana é o conjunto das relações sociais, Lessa defende que a ontologia de Lukács não só se diferencia das ontologias metafísicas tradicionais, como se assenta na auto-construção do ser social na esfera fundadora do trabalho e das suas relações de reprodução, que, ao transformarem a natureza, transformam também os indivíduos e a sociedade, liquidando com qualquer teleologia fatalista ou essência humana a-histórica. E aponta, seguindo a perspectiva levantada por Guido Oldrini, que o grande objetivo de Lukács ao propor uma ontologia no século XX foi, justamente, a exigência de evidenciar a “possibilidade ontológica da emancipação humana” e desmascarar as ideologias burguesas a ela contrárias, o que só é possível fazer “por meio da mais profunda investigação acerca do que é o ser humano” (p. 13) – por isso, uma *ontologia do ser social*.

Ao insistir reiteradamente, em diversos momentos do texto, na questão da *historicidade da essência* para Lukács, o livro de Lessa franqueia que o seu mote estruturante situa-se em torno desse ponto de vista filosófico de fundo concernente à intencionalidade liberadora da ontologia do ser social, o que ele demonstra em articulação estreita com a exposição do trabalho enquanto categoria ontologicamente fundante da sociabilidade humana.

Ao retomar a análise lukacsiana das três esferas ontológicas (inorgânica

ou mineral, orgânica ou biológica e do ser social), Lessa comenta – do ponto de vista do ser em geral, sem ignorar que os detalhes da questão são assunto da ciência – que a passagem da esfera mineral à biológica se deu a partir do *salto ontológico* qualitativo (ruptura) pelo qual o momento predominante de “reprodução do mesmo”, típico do ser biológico, irrompe e sobrepõe-se gradualmente ao momento predominante típico da esfera inorgânica, marcada pelo “tornar-se outro”.

As três esferas ontológicas conservam vínculos e distinções entre si. Na passagem da esfera biológica à do ser social, o momento predominante passa a ser a “reprodução do novo”. Não mais só o momento do “outro”, nem mais só o do “mesmo”, mas uma rearticulação destes num nível novo e superior, dada no trabalho humano consciente ou “subjatividade objetivada” (Chasin), onde tem lugar o que Lukács chama de “*intentio recta*” e “*intentio obliqua*”. A *intentio recta* é o processo de reconhecimento do real com vistas à boa efetivação dos atos teleológicos do trabalho, sem o que também a ciência não seria possível. Já a *intentio obliqua* remete a um conhecimento muito maior do que aquele necessário ao ato do trabalho, como concepções fictícias ou não, seguindo até o mundo da ciência. Como diz Lessa, “o trabalho contém em si uma ação sobre o conhecido e um salto para o desconhecido” (p. 62), àquilo que corresponde à complexificação das necessidades humanas rumo a uma vida mais plena de sentido.

No vasto campo da *intentio obliqua*, situa-se o problema da ideologia. Lessa chama a atenção para a peculiaridade que esse conceito tem em Lukács frente aos fundadores do marxismo, Marx e Engels, que o trataram basicamente como “falsa consciência”. Sem negar essa dimensão da ideologia, Lukács procurou pensá-la mais amplamente como uma “função social específica, e não um conjunto de ideias que se caracterizam por serem mais ou menos verdadeiras” (p. 73). A base da ideologia está em que o trabalho tende à generalização, impulsionando os homens para relações situadas além do trabalho. Ela surge como uma necessidade social de ordenar a práxis com uma visão de mundo, não sendo algo suprimível em sua totalidade. Lessa ressalta que a intenção de Lukács está em evitar que a distinção entre ciência e ideologia recaia num critério puramente epistemológico. Com isso, admite que a ciência pode conter um *quantum* de ideologia e vice-versa. Interessante notar ainda que, com essa posição, Lukács se previne do contágio positivista do cientificismo e se antecipa criticamente aos que desejam remediar tal risco com relativismos epistemológicos.

O trabalho aparece, assim, como a posição teleológica primária do homem, que abre espaço às posições teleológicas secundárias, onde tem lugar não apenas a produção de riqueza para manter a vida, mas todo o complexo social-cultural e científico daí desdobrado. O trabalho é visto por Lukács

como a “protoforma do agir humano”, a atividade do ser social que funda todas as práxis, sem que essas se resumam ao trabalho. Isso é importante, aproveitando aqui uma observação de José Chasin sobre Marx, para se ver que não se trata de uma ontologia *do trabalho em si*, e sim da propositura de uma ontologia *do ser social*, na qual o trabalho exerce papel fundante, mas não exclusivo, do mundo dos homens. Nas palavras de Lessa, “para Lukács o ser social certamente não é redutível ao trabalho” (p. 52). Mais do que isso, para o filósofo que foi mestre de Mészáros, são as alternativas postas no trabalho e o caráter essencialmente histórico do ser social que abrem ontologicamente o espaço para a afirmação da liberdade (tema que Lukács pretendia aprofundar em sua *Ética*, que não pôde escrever) e a superação do dilaceramento burguês da exteriorização (*Entäußerung*) pela lógica do capital sob a forma de alienação (*Entfremdung*).

Menos do que fazer aqui um resumo mais detido da obra, importa ressaltar o sentido filosófico fino e rico que torna o livro de Sergio Lessa uma contribuição valiosa para que o leitor possa receber a *Ontologia* de Lukács — cuja edição brasileira completa não deve tardar — compreendendo o viés histórico-emancipatório heurístico que mobiliza a intencionalidade crítica desse grande clássico do pensamento marxista.

FRAGA, Paulo Denisar. Resenha de: LESSA, Sergio. Para compreender a Ontologia de Lukács. Ijuí: Editora Unijuí, 2007, 240 p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Revan, v.1, n.26, 2008, p.179-182.

Palavras-chave: Ontologia; Lukács; Pensamento marxista.